

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS V  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP

O LIVRO-TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO:  
POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES

JOSEFA ROSA FILGUEIRA BEZERRA

Cajazeiras, Agosto de 1995

JOSEFA ROSA FILGUEIRA BEZERRA

**O Livro-Texto como Recurso didático:  
Potencialidades e Limitações**

Trabalho apresentado para conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do C.F.P. Campus-V, Cajazeiras - Paraíba.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.  
Idelsuite de Sousa Lima.

Cajazeiras, Agosto de 1995.

"Ninguém comete erro maior do que não fazer nada por que só pode fazer um pouco."

(Edmundo Burke)

Este trabalho é dedicado aos  
meus pais, esposos e filhos res-  
pectivamente:

Messias Filgueira da Silva e  
Maria Alves Filgueira,  
Valdemar Alves Bezerra e  
Renato Filgueira Alves

A gratidão é eterna e infinita, na sua forma de ser e de lembrar. Por isso o meu reconhecimento:

\* A DEUS pela inteligência e coragem de seguir tamanha vitória,

\* Aos meus pais, manos, esposo, filho e outros parentes, de quem recebi incentivo e compreensão;

\* Aos amigos que prestaram contribuição significativas,

\* A direção do CFP, à coordenação do curso e aos professores pelos ensinamentos,

\* A Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo pelo apoio e incentivo dados, para a execução de um trabalho tão importante sobre a problemática do uso do livro didático,

\* A orientadora Idelsuite de Sousa Lima e finalmente, a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

I	- INTRODUÇÃO.....	01
II	- MARCO TEÓRICO.....	03
III	- O LIVRO TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES.....	05
IV	- METODOLOGIA.....	09
V	- CONCLUSÃO.....	10
VI	- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	11
VII	- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	12
VIII	- ANEXOS.....	13-43

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tenta apresentar uma reflexão sobre o uso do livro didático no interior da prática educativa.

A nossa experiência aconteceu na Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo, em Cajazeiras - Paraíba.

Justifica-se o tema, por se tratar de um assunto polêmico, dada a forma como a maioria dos professores utiliza este material didático no cotidiano.

*"... o livro didático não funciona em sala de aula como um instrumento auxiliar para conduzir o processo de ensino e transmissão de conhecimento, mas como o modelo padrão, a autoridade absoluta, o critério último da verdade..." FREITAS, et alii (1993)*

Por esta constatação referente ao valor que o professor atribui ao livro didático, fez-se necessário este estudo, onde a partir de observações em sala de aula, estudos e análises críticas feitas com os professores acerca dos textos e atividades contidas no livro didático, foram apresentadas alternativas de soluções à questão, visando promover uma reflexão sobre o uso do livro didático, já que este é o único material didático que o aluno tem acesso naquela escola.

*"... o livro didático... é muitas vezes o único livro que essa criança recebe, o primeiro e o último que lhe cai nas mãos".  
FREITAS, et alii (1993)*

Das muitas colocações feitas pelos professores, selecionamos as mais significativas para enriquecer nossos argumentos, na tentativa de perceber as potencialidades e limitações desse famoso material utilizado na quase totalidade das escolas.

## MARCO TEÓRICO

Ao longo dos tempos o livro didático tem sido alvo de constantes questionamentos. Trata-se de uma questão que envolve todo o contexto histórico, destacando-se o pouco interesse no investimento desse material didático. Assim sendo o livro didático constitui-se em um veículo transmissor da ideologia dominante. Conforme enfatiza FARIA (1994):

*"... o livro didático é dos veículos usados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa" (p. 09)*

Em consonância com esta situação o livro didático tem se tornado uma fonte de lucro para as editoras sendo reproduzidos anualmente sem renovação. No tocante à questão FREITAG et alli (1993) diz:

*"... o livro didático, é no Brasil uma questão nacional e, ao mesmo tempo, uma questão de interesse econômico para as editoras" (p. 54)*

Assim sendo, não há como esconder a baixa qualidade dos livros didáticos, conforme afirma SERPA in EM ABERTO (1987):

*"Há uma grande quantidade de livros didáticos, de várias áreas ou disciplinas, com conceitos errados e incompletos, o que confunde o aluno e o desestimula para estudar..." (p. 14)*

Ainda em relação a este aspecto HOFLING (1988) in NOVA ESCOLA expressa:

*"O livro didático se for analisado atentamente, será inevitável o aparecimento de meias verdades, que ficam comprometidas pelas opiniões explícitas ou até mesmo implícitas embutidas nos textos..." (p.45-46)*

Por todas essas considerações, destaca-se a questão de que o livro didático não deve ser utilizado por professores e alunos, como centro das atenções, o critério último da verdade, mas como um recurso auxiliar, um mediador para conduzir o processo ensino-aprendizagem. Conforme enfatiza CARVALHO (s/d) In em Jornal da Alfabetizadora.

*"O livro didático é apenas um mediador... mas um mediador necessário por corporificar a forma escrita nas escolas da rede pública, nas escolas da periferia e do interior, onde não tem vez nem sequer jornal e revista." (p. 07)*

Frente a esta questão, destaca-se por outro lado a forma como o livro didático é trabalhado pelo professor em sala de aula. Constata-se que na maioria dos casos o livro didático é visto pelo professor como único recurso didático utilizado em sala de aula. Como enfatiza FREITAG et alii (1993):

*"O livro didático não funciona em sala de aula como instrumento auxiliar para conduzir o processo de ensino e transmissão de conhecimento, mas como o modelo-padrão, a autoridade absoluta, o critério último da verdade..." (p.110)*

Por todas as questões levantadas em relação ao livro didático, decidimos nesse estudo refletir criticamente acerca desse material didático, no sentido de analisar suas potencialidades e limitações.

## O LIVRO-TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO: POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES

*"Entre os materiais didáticos é este o elemento mais decisivo no atual estado da escola brasileira..." CARVALHO (s/d)*

É inegável o estado em que se encontra a escola, particularmente a escola pública, limita a atuação dos professores na prática docente, em função da falta de recursos didáticos e das próprias condições de trabalho em que vivem. Essa situação é confirmada por MENEGOLLA in MUNDO JOVEM (1994) ao declarar que:

*"... Em geral se pode constatar que existe pouca coisa além de mesinhas, cadeiras, um rudimentar quadro-verde e alguns 'tacos de giz'..." (MUNDO JOVEM, p. 24; nº 25/maio/1994).*

Esta realidade é vista nas nossas escolas, dada a pouca importância que a educação brasileira tem recebido. Diante disso a forma como o livro didático está sendo utilizado em sala de aula, revela o grande valor que lhe é atribuído. Este fato pode ser comprovado nas colocações das professoras:

- *"Até o momento o estado não mandou outro material a não ser o livro didático." (prof. n°01)*

- *"A escola não dispõe de recursos." (prof. n°02)*

Frente a essa constatação, o ponto considerado principal deste trabalho, foi o de discutir com as professoras

o uso do livro didático em sala de aula, já que durante a fase de observação constatou-se que as aulas foram ministradas de forma expositiva e sem motivação, gerando falta de interesse em alguns alunos. O que pode ser confirmado pelo seu depoimento, resistindo em realizar a tarefa:

"- Tia eu não vou fazer essa besteira" (aluno 01).

Diante de um comentário dessa natureza acredita-se que os livros didáticos em sua maioria, não levam os alunos a refletirem, nem os estimulam a estudar, conforme assegura SERPA in EM ABERTO (1987):

*"Há uma grande quantidade de livros didáticos, de várias áreas ou disciplinas, com conceitos errados ou incompletos, o que confunde o aluno e o desestimula a pegar no livro para estudar..."*  
(p. 14)

Além dessas constatações, outro agravante é o trabalho em sala de aula. Alguns professores pouco se preocupam em mudar a metodologia referente ao uso do livro didático. Tal comportamento reflete, segundo os professores, o desestímulo em que se encontram, dadas as suas condições de vida. Essa situação é difundida por SOZO in MUNDO JOVEM (1994) ao afirmar que:

*"... A dupla ou tripla jornada de trabalho, causa, desestímulo. Sobra pouco tempo para preparar-se, preparar aulas e qualificar a educação..."*  
(MUNDO JOVEM, p. nº 177; outubro, 1994)

Como se vê as condições salariais do professor leva-o a exercer outras funções como um meio de garantia para sua sobrevivência. Comprova-se este fato pelo depoimentos de alguns professores:

*"O professor ganha tão pouco, que é obrigado a trabalhar em outros turnos, como é que pode preparar outras atividades?"* (prof. nº 01).

*"Não tenho tempo para preparar outro tipo de atividade."* (prof. nº 02).

Dessa forma, é essencial investir no professor, proporcionando-lhe condições para oferecer um ensino qualificado, capacitando-o a buscar outras fontes de apoio, que não seja o livro, como declara FREITAG et alii (1993):

*"... o professor qualificado e de bom nível recorre a outros materiais didáticos e recursos como literatura, dicionários e documentos constantes das bibliotecas escolares ou retirados de outras bibliotecas públicas disponíveis."*

Podemos comprovar nos estudos que realizamos que os professores (que) têm pouco conhecimento sobre o livro didático e conseqüentemente sobre o seu trabalho.

Além dos mais os professores da escola campo de estágio demonstraram pouco interesse em relação ao assunto, quando nos primeiros estudos surgiram conversas paralelas, falta de atenção e saídas constantes do ambiente de estudo.

Entretanto no decorrer dos estudos seguintes os desencantos foram superados, onde contamos com uma participação mais ativa do corpo docente.

Nas discussões surgiram propostas de uma possível introdução em sala de aula de outros tipos de textos e atividades que não fossem só os livros didáticos. Segundo SOARES in NOVA ESCOLA (1994):

*"É importante que o aluno se familiarize com diferentes gêneros de textos, como literário, a correspondência (carta, bilhete), o texto jornalístico, a história em quadrinhos, a publicidade, regulamentos, instruções, textos teatrais, contas de serviço público (água, luz, telefone) e muitos outros e tenha oportunidade de conhecer textos escritos em linguagem formal e também no coloquial..."*

*(NOVA ESCOLA, nº 79, out/ 1994.*

Frente a este fato, destaca-se a importância de textos e atividades que podem ser desenvolvidas a partir do uso desse material diversificado. Agindo dessa forma o professor terá condições de superar as deficiências apresentadas no livro didático, conforme CARVALHO in JORNAL ALFABETIZADORA (s/d) declara:

*"A sua forma de utilização terá que ser pensada pelo professor, superando as deficiências que possam apresentar..."*

Por todas essas constatações, entende-se que os

questionamentos mais pertinentes em torno do uso do livro didático, não é descabido, dada a forma como está sendo trabalhado na escola.

Acredita-se que a tarefa do professor é buscar meios capazes de superar as deficiências apresentadas neste recurso didático, bem como recuperar o estímulo dos alunos. Entretanto para obter este êxito faz-se necessário, boa vontade, empenho, dedicação e comprometimento com sua postura de educador.

## METODOLOGIA

O presente trabalho se constitui em um estudo exploratório numa escola pública de 1<sup>o</sup> grau, onde tentamos compreender o cotidiano, das professoras e alunos sobre o livro didático.

Num primeiro momento realizamos leituras de uma bibliografia de grande valia, onde foram feitos fichamentos e anotações acerca da questão.

Durante as leituras, dedicamos grande parte do tempo, discutindo com a professora orientadora do estágio, as nossas próprias dúvidas quanto ao uso, políticas, conceitos, metodologia e trabalhos com o livro didático. As questões levantadas e as reflexões desse momento, enriqueceram de forma considerável nossos conhecimentos acerca do assunto em estudo.

O segundo momento do nosso trabalho, foi talvez o mais rico, quando realizamos os seminários internos. Esses seminários realizaram-se com as duas turmas de estágio, de forma que nos proporcionou conhecer os trabalhos desenvolvidos pelos demais membros da turma.

O terceiro momento constituiu-se no trabalho de campo, onde foram feitas observações sistemáticas em sala de aula, com o objetivo de verificar como se dá o uso do livro didático.

Realizadas as observações, foram desenvolvidos estudos na referida escola com as professoras e a diretora, no intuito de discutir sobre a utilização do livro didático, assim como despertar naqueles profissionais reflexões críticas no tocante a questão.

Concluídas as etapas do trabalho, sistematizamos nossa experiência em relatório final.

## CONCLUSÃO

Estudar a história do livro didático sob qualquer aspecto é sempre vantajoso, no sentido de que conhecendo melhor o seu processo, pude alargar meus conhecimentos a respeito da questão, bem como passar os conhecimentos por mim adquiridos, para os que fazem uso desse material didático.

A partir das experiências adquiridas durante o estágio, pude constatar, que importante se faz elevar o nível de consciência dos profissionais desta área, tornando-se necessário uma reciclagem constante, conforme destaca FREITAG et alii (1993):

*"Para que o professor possa exercer na escola uma função (...) inovadora não basta que tenha recebido, uma boa formação profissional nos cursos normais e universitários. Torna-se necessário adicionalmente uma reciclagem permanente, dando-lhe chances contínuas de renovação e atualização..."*

Portanto, deve-se ressaltar a importância das atividades realizadas no decorrer do estágio, as quais espero que contribuam para uma mudança de comportamento em relação à forma como está sendo trabalhado o livro didático naquela escola, já que seria necessário um maior espaço de tempo para comprovar se o trabalho desenvolvido naquele estabelecimento de ensino contribuiu para alguma mudança nesse sentido.

É evidente que este trabalho não deve parar por aqui, mas ter continuidade por parte do corpo docente, para que assim o processo ensino-aprendizagem ocorra de maneira mais satisfatória para educadores e educandos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o momento final da fase do estágio é justo se fazer prevalecer a grande utilidade do mesmo, por que assim tive oportunidade de conhecer a forma como o livro didático é introduzido em sala de aula, bem como funcionamento da escola.

Foi sumamente importante, estudar esta temática que nos oportunizou ter uma visão mais ampla a respeito da questão, já que através de leituras pude conhecer melhor o livro didático em seu contexto histórico.

Anteriormente no meu ponto de vista o livro didático era essencial, e que sem a sua presença na sala de aula, o ensino se dava de forma esvaziada.

Após os conhecimentos que pude adquirir com leituras, observações e estudos acerca da questão, constatei que o livro didático se constitui em apenas mais um elemento no processo ensino-aprendizagem como tantos outros.

Por todas essas constatações destaca-se a importância das leituras que efetuamos e do trabalho que desenvolvemos, porque com isso superamos nossa falta de conhecimento e levamos nossa contribuição à escola onde se deu o estágio.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. In: JORNAL DA ALFABETIZADORA Nº 14. Porto Alegre, KUA-RUP, s/d.

EM ABERTO/INEP (ed.): O Livro Didático: Velho tema, revisitado. Brasília, ano VI, nº 35, jul-set. 1987.

FARIA, Ana Lúcia G. de . Ideologia no livro didático. 11ª edição - São Paulo, Cortez, 1994.

FREITAG, Bárbara et alii. - O livro didático em questão. - 2ª edição - São Paulo, Cortez, 1993.

MUNDO JOVEM - Um jornal de idéias.  
Porto Alegre. Ano XXXII, nº 251, out. 1994

MUNDO JOVEM - Um jornal de idéias.  
Porto Alegre. Ano XXXII, nº 256, out. 1994

REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 21 MAIO/88.

REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 41 AGO/90.

REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 79 OUT/94.

**ANEXOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CAMPUS V  
D.E.  
CURSO: PEDAGOGIA  
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SU-  
PERVISÃO ESCOLAR  
PERÍODO. 95.1

TEMA: O Estágio Supervisionado do  
Pedagogo Supervisor: Propos-  
tas de Ação

Orientadora do Estágio: Prof<sup>ª</sup>. Idelsui-  
te Sousa Lima

Cajazeiras-PB  
1995

## **I - APRESENTAÇÃO, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.**

De modo geral é no momento do estágio curricular que se dá a passagem de estudante para profissional. É nesse momento que ele descobre na sua formação: suas mazelas, suas inconsistências teórica-metodológicas, seus pontos críticos. Enfim, a "caixa-preta" da sua formação.

Essa situação, já antiga, impõe aos professores de estágio curricular tarefas desafiantes, no sentido de tentar reconstruir em, no máximo dois períodos letivos, toda trajetória acadêmica dos alunos e conceber essa atividade como um período de preparação a iniciação profissional.

Nesse sentido, pensamos que o Estágio Curricular em Supervisão Escolar que ora orientamos deverá contribuir para a formação do pedagogo-supervisor, no sentido de proporcionar uma maior compreensão teórico-metodológica dos fenômenos educativos, bem como aproximá-lo dos problemas intra-escolares na perspectiva de vislumbrar saídas a partir de embasamento teórico e da prática coletiva no âmbito das escolas, considerando que será ele, enquanto profissional da educação, um dos elementos agilizadores de processos escolares que possam significar um novo tipo de educação que atenda aos interesses e anseios da sociedade brasileira.

A nossa proposta de trabalho para o Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar permitirá que os alunos tentem os fundamentos teóricos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia às tentativas operacionais das suas propostas de ação, veiculando o saber sistematizado à realidade das escolas, campo de trabalho, fortalecendo dessa forma, a produção do conhecimento e a sua formação enquanto educador consciente e comprometido com a realidade brasileira.

## **II-CONTEÚDOS:**

### **TEMÁTICAS OPERACIONAIS:**

\* Planejar para que? uma proposta de planejamento na escola X.

\* O livro-texto como recurso didático: potencialidades e limitações.

\* Alfabetização: confronto de teorias X aprendizagem em escolas públicas, privadas e alternativas.

\* Conto de fadas ou realidade? um estudo de História do Brasil na 5ª série.

\* Ciclos de pais e mestres em escolas rurais: para além da tentativa de aproximação.

\* Livro didático: seu papel no processo ensino-aprendizagem.

### III - METODOLOGIA:

A proposta do curso para o Estágio Supervisionado será desenvolvida basicamente em duas etapas: uma teórica e outra prática.

A primeira constará de uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico e organização da abordagem do campo, que caracterizará a segunda etapa da proposta.

Faz parte também dessa proposta, organizar eventos internos (seminários, encontros, mesa redonda, etc.), onde os estagiários relatarão suas experiências, ao tempo em que sistematizarão seus conhecimentos no confronto com a problemática da ação supervisora. Dessa forma, os alunos terão oportunidades de transmitir suas experiências profissionais e ou acadêmicas.

### IV - AVALIAÇÃO

A avaliação compreenderá:

1- O processo de produção intelectual da aluna (as condições em que este se deu, a finalidade do instrumental teórico, a bibliografia, etc.);

2- A própria produção (aprofundamento teórico, a escrita, a redação, a qualidade, etc.);

3- Desempenho e o nível de qualidade na realização dos eventos internos;

4- A defesa do trabalho perante a banca examinadora (se for o caso).

### V - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABREU e MASETTO. O professor universitário em sala de aula. São Paulo, Cortez.

ALTHUSSER, Louis. Aparelho ideológicos de Estado: notas sobre aparelhos ideológicos do Estado. Tradução de Wagner J. de Evangelista e Maria L. V. Castro. 2.ed. Rio de Janeiro, 1985.

- ARROYO, M. G. Pátria amada, ignorada. EM ABERTO. Brasília, 7:(37) jan/mar. 1988.
- AZENHA, M. G. Construtivismo - de Piaget a Emília Ferreira. S. Paulo, Princípios, 1983.
- BARROS, Aidil J.P e LEHFELD, N.A.S. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, Vozes, 1991.
- BUARQUE, L.L. e REGO, L.L.B. Alfabetização e construtivismo: teoria e prática. Recife, Ed. Universitária, 1994.
- CARDOSO, B. e TEBEROSKY, A. Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1993.
- CARVALHO, M.C.M. (org.). Construindo o saber 4 ed. Campinas, Papirus, 1994.
- CHARLOT, B. A mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- DEIRÓ, M.C.L. As belas mentiras. 11. ed. São Paulo, Moraes, 1978.
- FARIA, A.L.G. Ideologia do livro didático. São Paulo, Cortez, 1986.
- FEIL, I.T.S. Alfabetização- desafio novo para um novo tempo. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. 22. ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- FREITAS, B. et. al. O livro didático em questão. São Paulo, Cortez, 1993.
- MOLINA, O. Quem engana quem? O professor X livro didático. ed. Campinas, Papirus, 1988.
- ROSA, S. S. Construtivismo e mudança. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- SOARES, G. M. R. Estudo comparativo de métodos de ensino da leitura e da escrita- 3. ed. Papilaria Américas Editora, 1983.
- TURRA, et. al. Planejamento de ensino e avaliação. São Paulo, Sagra.
- VIGOLVINO, M. D. Mulher professora leiga: vida e trabalho. Dissertação de Mestrado- PUC - RJ. 1989.

## CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

ATIVIDADE	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
Revisão Bibliográfica	X					
Org. dos Seminários	X	X				
Seminários			X			
Ingresso no Campo de Estágio			X	X	X	
Atendimento personalizado para discussão da proposta vivenciada					X	
Produção e apresentação da monografia.		X	X	X	X	X

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**O LIVRO TEXTO COMO RECURSO DIDÁTICO:  
POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES**

**ELABORADO POR:**

Keilane Maria de Oliveira  
Alciseuda Bezerra Bandeira  
Maria Eliana Oliveira de Souza  
Josefa Rosa Filgueira Bezerra  
Maria do Socorro Oliveira de Souza  
Hanrieth Bignon Mello

**ORIENTADORA:**

**Idelsuite de Sousa Lima**

Cajazeiras, 1995.

**OBJETIVOS**

- Aprofundar os conhecimentos sobre a utilização do livro texto como recurso didático.
- Analisar os conteúdos e os exercícios propostos no livro didático junto aos professores da escola pública.
- Promover estudos com os professores, numa perspectiva de encontrar outra forma de trabalhar o livro didático.

## METODOLOGIA

"A metodologia é um guia para um estudo sistemático do enunciado e compreensão de problema."

(RUDIO, 1980. p. 15).

Sendo a metodologia uma condição necessária para um bom desempenho de uma atividade, sobretudo de natureza acadêmica, compreendemos ser fundamental planejar o modo como este trabalho será realizado.

A nossa proposta de trabalho, consiste em analisar, o livro texto utilizado por professores que lecionam de 1ª a 4ª séries em escolas Públicas-Municipais na cidade de Cajazeiras-Paraíba.

Iniciamos nosso trabalho realizando visitas às escolas onde faremos os primeiros contatos, visando conhecer a comunidade escolar, a organização e o funcionamento geral da escola.

Optamos metodologicamente pela observação participante por ser um instrumento adequado para apreender o nosso objeto de estudo, na medida em que poderemos acompanhar "in loco" o dia-a-dia dos sujeitos, o significado que eles dão à realidade que os rodeia e as suas próprias atitudes.

A partir dos dados coletados, pretendemos realizar sessões de estudo com os professores para analisarmos como são utilizados os livros didáticos, e juntos tentarmos encontrar uma outra forma de trabalhá-lo, dando uma nova perspectiva ao processo ensino-aprendizagem.

De posse dessa compreensão elaboraremos a monografia, descrevendo toda experiência vivida.

## JUSTIFICATIVA

A história do livro didático no Brasil é permeada pela falta de uma política definida para a questão, sendo pautada *"por decretos-leis e medidas governamentais que se sucedem, a partir de 1930"*. (FREITAG, 1993)

Para compreendermos como o livro didático veio a ser introduzido no campo educacional brasileiro é necessário analisarmos o contexto histórico nacional que ocorria no Brasil, no período que antecedeu a 1930.

A década de 20 caracterizou-se, conforme narra PEDRO (1987) *"por imensas lutas políticas e sociais que questionavam o domínio das aristocracias cafeeiras de São Paulo. Greves e levantes militares eram as formas de protesto contra o poder dos cafeicultores."*

Economicamente, o Brasil não conseguia manter o mercado comprador de café, pois os países que adquiriam nosso produto desvalorizavam-no cada vez mais.

Os oficiais de escalões mais baixos do exército se revoltaram contra o domínio exclusivo dos cafeicultores. Levantaram-se em movimentos armados e violentos contra os donos do poder na república velha. Esses jovens oficiais militares passaram a ser importantes personagens no cenário político brasileiro.

Foi o acúmulo desses antagonismos que desencadeou a chamada revolução de 1930, que mudou importantes aspectos da evolução de nossa história.

A revolução de 1930, pretendia *"além da modernização do país, a urbanização, a revolução industrial, a democratização da vida política e outras"*. (LIMA s/d) Assim, o grande ímpeto para o desenvolvimento do país e a inserção nos quadros do capitalismo mundial foi a industrialização.

Todavia, essa *"modernização"* exigia mão-de-obra especializada, de modo que a educação não podia permanecer alheia às mudanças. Assim, para atender as exigências do mercado, estruturava-se uma polícia educacional, que até então não era definida. *"Fixa-se definitivamente um sistema escolar seriado, implanta-se o ensino, cria-se o MEC"*. (LIMA, s/d)

Estabelecido o sistema educacional, avoluma-se a quantidade de normas deliberativas legislando todos os aspectos da educação nacional sob a jurisdição desse ministério.

No bojo dessa legislação surgem a partir daí os muitos decretos sobre a questão do livro didático. Tais medidas e decretos são definidos isoladamente, sem a participação de professores, pais, alunos, sindicatos e outras categorias que

pudessem intervir de forma direta ou indireta na feitura do livro didático.

Parafraseando FREITAG et alii (1993) concluímos que há pouca preocupação com a dimensão do livro didático seja por parte dos historiadores, seja por parte dos autores especializados o que faz com que não haja sistematização da história do surgimento do livro didático no Brasil somadas às discrepâncias da sua função.

Do mesmo modo, a pesquisa sobre o livro didático não tem merecido destaque por parte dos pesquisadores, com exceção de algumas iniciativas esporádicas e muito recentemente a partir dos anos 80.

Cumpramos todavia, salientar que a discussão em torno do livro didático no Brasil está diretamente relacionada com a questão do sistema educacional e por consequência com a análise mais geral do contexto histórico nacional, o que é reforçado por FREITAG et alii (1993):

*"O livro didático não pode ser estudado de forma isolada em si", mas pressupõe o mapeamento das estruturas de poder e econômicas da sociedade brasileira para que compreendamos o seu funcionamento". (p.127)*

De forma pronta e acabada, os livros didáticos no decorrer da história são introduzidos na sala de aula, sem considerar os níveis e as particularidades da cada turma, constituindo-se muitas vezes em elemento decisivo no processo ensino-aprendizagem.

Assim o livro didático assume este caráter determinante, diante das inúmeras atividades que o professor é obrigado a exercer, trabalhando muitas vezes em três turnos em várias escolas, não dispondo de tempo para estudo e preparação das aulas, na busca incessante de sobrevivência diante das condições porque passa o profissional do magistério, no atual quadro da sociedade brasileira, o que se pode confirmar nas palavras de CARVALHO (s/d):

*"Entre os materiais didáticos, é este o elemento mais decisivo no ensino, no atual estado da escola brasileira..."*

Diante disso, o livro didático, instrumento auxiliar do professor, desempenha um papel preponderante no dia-a-dia do educador. Todavia, ele não pode ser visto isolado da ação pedagógica, mas deve ter correlação com os demais elementos do processo educativo.

Parafraseando FREITAG et alii (1993) verifica-se que os livros didáticos como produto de uma indústria cultural tem a função de ocupar espaços, preencher vazios, com a finalidade de impedir que os consumidores se dêem conta das contradições materiais em que vivem e das relações de produção que prevalecem na sociedade de consumo.

Sendo assim, o livro didático assume o caráter de todo produto da indústria cultural, ou seja, seus conteúdos são reproduzidos anualmente sem renovação, com o objetivo de idiotizar os consumidores no caso - professores e alunos - garantindo o seu poder de lucro desviando sua função de educar para se tornar mercadoria.

Entretanto, o que deve ser também questionado não é o fato da sua existência, mas a forma como são trabalhados os conteúdos ministrados pelo professor com base no livro didático.

Comumente, se diz que os conteúdos são desvinculados da realidade, no entanto, eles têm uma realidade a cumprir, como enfatiza FARIA (1994):

*"O livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligada da realidade, ela também tem um papel e o cumpre..." (p. 71)*

Nesse contexto, a escola como um dos aparelhos ideológicos do estado, desempenha sua função de inculcação da ideologia dominante. Como diz ALTHUSSER: "... A escola ensina 'saberes práticos', mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante..."

Esses saberes práticos são transmitidos através do conteúdo curriculares. Uma das formas que a escola encontra para desenvolver seus conteúdos é através do livro didático. Esse muitas vezes impede que as crianças sobretudo, os filhos dos trabalhadores adquiram, organizem e formulem a sua própria ideologia.

De fato, a ideologia burguesa é veiculada no livro didático com o propósito de continuar o processo hegemônico de dominação e exploração sobre a classe proletariada. Isto se dá por intermédio dos conteúdos e ilustrações que referem-se a ambientes e vivências da criança burguesa, distanciando-se da realidade da criança carente, que também se utiliza no livro didático.

Diante da questão supracitada, alguns pesquisadores dentre eles Belloni e Silva (1983), apontam como solução a regionalização desse material didático, defendendo que só assim haveria condições de trabalhar de acordo com a realidade próxima do aluno.

Dessa forma, a discussão em torno da regionalização toma longo alcance, pelo aspecto dúbio com que se apresentam, ao reduzir a oportunidade de alargar os conhecimentos e reforçar a exclusão dos já excluídos da sociedade. Sem contar com a questão, particularmente dos nordestinos que são tratados diferentemente dos povos do sul do país, em todos os aspectos preponderantemente do ponto de vista intelectual/cultural.

Ademais, a regionalização no atual sistema educacional brasileiro e por consequência, da sociedade como todo tem um caráter de limitação do universo vocabular. Nos apoiamos em FREITAG, et alii (1993) para afirmar que:

*"A regionalização do livro didático no Brasil somente teria condições de produzir um livro de melhor qualidade se ocorresse uma reestruturação global do sistema educacional e uma elevação geral do nível de profissionalização de todos os agentes envolvidos". (p.38)*

Com efeito, essa reestruturação precisa ser efetivada. Entretanto, da forma como está estabelecida a classe oprimida nada teria a ganhar com a regionalização do livro didático porque seu conhecimento ficaria de forma restrita, limitada somente a seu meio, impedindo que haja uma preparação maior de cidadãos conscientes para a realidade na qual vivemos, o que pode ser constatado por FREITAG et alii (1993):

*"A limitação da criança à (...) sua comunidade a restringe a um universo muito limitado, sendo necessário, via escola, dar a essa criança a oportunidade de ter acesso a língua de cultura, com a qual se abrem seus horizontes para o mundo, além das fronteiras de sua comunidade ou favela". (p.34)*

Retratar-se somente as vivências da criança nua e crua, não iria contribuir em nada para superá-las, ao contrário iria sedimentar cada vez mais as desigualdades. Segundo, cabe ao professor a séria responsabilidade de trabalhar os conteúdos numa perspectiva que busque meios de evitar a consolidação do processo de marginalização e sua condição de classe.

Nesse enfoque, a concepção ideológica do professor se constitui no ponto crítico da questão, por ser ele o mediador entre o conteúdo do livro didático e a metodologia utilizada para trabalhar tais conteúdos.

Outra questão em foco, é o direito atribuído ao professor de escolher o livro. Encontra-se aqui um grande paradoxo, pois na sua prática cotidiana o professor não encontra respaldo para efetuar-lo eficazmente, seguindo os requisitos necessários para se fazer um escolha criteriosa. Como nos assegura LAJOLO (1987):

*"O direito que tem o professor de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na prática, com a falta de condições concretas para exercer este direito..."*

Em face a essa situação contrastante é mister repensar as condições em que são escolhidos os livros didáticos para adoção nas escolas. Ela é feita sem análise, sem reflexão, só com base no catálogo distribuído pelo MEC. A maioria dos professores não tem acesso ao exemplar e termina escolhendo pelo título ou por indicação de terceiros.

Assim, pouco adianta ter o poder de escolher quando não se sabe o que e como escolher. Conforme salienta SOARES (1994):

*"Nosso problema crítico é a formação do professor. É preciso fazer uma reformulação dos cursos 2º graus, assim como do superior, inserindo conteúdos com que o professor vai ensinar (...). É preciso um grande investimento na formação dos professores, porque são eles quem escolhem os livros."*

*(Revista Nova Escola, nº 79 / OUT. 1994)*

Diante da inércia de alguns professores, o aluno utiliza o livro, fica em segundo plano. A preocupação reside na mediatização dos conteúdos, sem considerar as necessidades e afinidades do educando.

O que se percebe é que os livros, aos quais a maioria das crianças tem acesso, omitem as dificuldades de um sociedade em contradições, onde uma minoria tem condições favoráveis de estudar, alimentar-se, viver, e a grande maioria confronta-se com a escassez de alimentos, moradias e outros fatores indispensáveis à vida do ser humano.

Os conteúdos livrescos quase não apresentam essas diferenças e quando as ilustram é como se fossem características naturais entre os homens, fazendo-se crer que todos são afetados quando na verdade os prejudicados são aqueles que confrontam-se dia-a-dia com esse antagonismo.

A escola por sua vez, difunde essa contradição, sendo mais um veículo de inculcação ideológica, que se dá de forma organizada e planejada, garantindo a estabilidade do sistema social contribuindo para que os educandos sejam passivos e conformistas com a sua condição de vida, segundo afirma FÁRIA (1994):

*"A educação na sociedade capitalista tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo papel é o de reproduzir a sociedade burguesa, através da sua ideologia..." (p. 08)*

Com isso, a escola baseia-se num modelo autoritário, onde as crianças devem respeitar, obedecer e seguir ordens e padrões preestabelecidos, conseguindo dessa forma, "transformá-los em seres obedientes e provavelmente, cidadãos pouco criativos, conformados diante de toda e qualquer autoridade, pequenos robôs, que só agem seguindo ordens". (DEIRÓ, 1989, p. 75)

Desse modo, a escola reforça através do livro didático o processo de dominação sobre a classe trabalhadora, reproduzindo os interesses do capital, não desenvolvendo o senso crítico do aluno, segundo nos assegura FÁRIA (1994):

*"... O livro sistematiza a ideologia burguesa, amortiza o conflito realidade x discurso, dizendo que o verdadeiro é segundo. (...) Assim, o livro didático contribui para a reprodução da classe operária..." (p. 77)*

Diante dessas considerações surgem algumas implicações acerca do livro didático que nos instiga a analisar quais as suas potencialidades e limitações no cerne do processo ensino-aprendizagem na realidade objetiva da nossas escolas.

O livro didático constitui-se até certo ponto em vilão por viabilizar mensagens ideologizadoras e deformadoras. Entre estas podemos destacar a relação entre os brancos e índios apresentados nos livros, como enfatiza DEIRÓ (1981), "que se dá de forma estereotipada e vertical, onde os primeiros são os doadores das verdadeira cultura, e civilização superior, enquanto os segundos são os receptores 'selvagens' e 'ignorantes'".

Ainda em relação ao que é difundido pelo livro, ALTHUSSER (1985) mostra que "muitas das virtudes (modéstia, resignação, submissão, etc.) que se aprendem são naturalmente encobertas e dissimuladas por uma ideologia da Escola universalmente aceita, que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante".

Por outro lado, o livro didático torna-se necessário por ser o único elo que algumas crianças tem com a escrita, em escolas onde não há acesso a nenhum outro material didático. Conforme salienta CARVALHO (s/d):

*"O livro didático é um mediador necessário por corporificar a forma escrita das escolas da rede pública, nas escolas da periferia e do interior, onde não tem nem sequer jornal e revista."*

Confirmando essa posição MOLINA (1988) destaca que o livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato.

Daí ser necessário uma reflexão mais profunda acerca desse material didático no sentido de analisar até que ponto ele se constitui um elemento de interferência positiva ou negativa no processo ensino-aprendizagem.

Assim, consideramos importante estudar essa temática por oportunizar uma reflexão crítica do problema, dando-nos condições como supervisoras de contribuir com os professores em busca de uma outra forma de trabalhar o livro didático.

## CRONOGRAMA

ATIVIDADE	MESES / SEMANAS																			
	ABRIL				MAIO				JUNHO				JULHO				AGOSTO			
	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X																
Visita a Escola	X	X																		
Obs. em Sala de Aula					X	X	X	X	X											
Estudo c/ Professores									X				X	X	X	X				
Elaboração do Trabalho Final					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Apresentação da Monografia																	X			

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado. 2ª edição. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1985.
02. CARVALHO, Nelly. O livro didático e o professor. In: JORNAL DA ALFABETIZADORA Nº 14. Porto Alegre, KUARUP, s/d.
03. EM ABERTO/INEP (ed.): O Livro Didático: Velho tema, revisitado. Brasília, ano VI, nº 35, jul-set. 1987.
04. FARIA, Ana Lúcia G. de. Ideologia no livro didático - 11ª ed. - São Paulo, Cortez, 1993.
05. FREITAS, Barbara et alii. - O livro didático em questão. - 2ª edição - São Paulo, Cortez, 1993.
06. LIMA, Lauro de Oliveira. Estórias da Educação no Brasil: de pombal a passarinho. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Brasilia, s/d.
07. MOLINA, Olga. Quem engana quem: professor X livro didático - 2ª ed. Campinas, S.P... Papyrus, 1988.
08. NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. As belas mentiras: A ideologia subjacentes dos textos didáticos. 11ª ed. - São Paulo; Moraes, 1978.
09. PEDRO, Antônio. História do Brasil. São Paulo: FTD, 1987.
10. REVISTA NOVA ESCOLA, Nº 79 / OUT. 1994.

Instituição: Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 20/06/95

Horário: 15:30 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

- Objetivos: - Discutir a problemática do livro didático no cenário educacional brasileiros.
- Refletir a influência das condições de vida do professor no uso estereotipado do livro didático.
  - Identificar o livro como produto da indústria cultural.

#### PAUTA

- I - Abertura;
- II - Técnica; (tempestade cerebral)
- III - Exposição oral: o livro didático e seus percalços;
- IV - Trabalho em grupo;
- V - Debate;
- VI - Avaliação;
- VII - Encerramento.

## O Livro Didático e seus percalços

A questão do livro didático é sem sombra de dúvida um assunto polêmico que tem induzido alguns autores especializados a estudá-lo mais profundamente, na tentativa de encontrar uma solução para uma melhor adequação no processo ensino-aprendizagem, dando-lhe uma nova perspectiva.

É sabido por todos que a questão em torno do livro didático não tem merecido a atenção necessária, tendo sido na maioria das vezes alvo de críticas, tanto pelos professores como pelos historiadores. Como nos assegura FREITAG et alii (1993):

*"Há pouca preocupação com a dimensão do livro didático, seja por parte dos historiadores, seja por parte dos autores especializados..."*

Cumpre-nos todavia salientar que a discussão em torno do livro didático no Brasil está diretamente relacionada com a questão do sistema educacional e por consequência com a análise geral do contexto histórico nacional. A questão do livro envolve os aspectos: sociais, econômicos e políticos, não podendo ser analisado isoladamente, o que é reforçado por FREITAG et alii (1993):

*"O livro didático não pode ser estudado de forma isolado 'em si', mas pressupõe o mapeamento das estruturas de poder e econômicas da sociedade brasileira para que compreendamos o seu funcionamento."*

Numa sociedade dividida em classe como a nossa, onde uns poucos tem acesso a tudo e a grande maioria é excluída dos benefícios da sociedade, quer seja do ponto de vista econômico quer seja social, as questões acerca do processo educativo se constituem em mais um elemento dessa estrutura de poder que manipula tudo e todos em torno de seus interesses.

Todavia, como não existe uma reflexão sob este aspecto que estão inteiramente relacionados, os livros didáticos no decorrer da história são introduzidos na sala de aula sem considerar os níveis e as particularidades de cada turma, constituindo-se muitas vezes em elementos decisivos no processo ensino-aprendizagem.

Embora seja um instrumento necessário, que estabelece o roteiro de trabalhos para o ano letivo, dosa as atividades de cada professor no dia-a-dia da sala de aula e ocupa os alunos sejam em classe ou em casa, não deve tornar-se amo do professor e do aluno. Deve ser um mediador auxiliar das atividades do docente complementado por outros recursos.

Outra questão relevante que contribuiu para a inserção do livro didático como se fosse uma Bíblia nas salas de aula, são as inúmeras atividades que o professor é obrigado a exercer, trabalhando muitas vezes três turnos em várias escolas, não dispondo de tempo para estudo e preparação das aulas, na busca incessante de sobrevivência diante das condições por que passa o profissional do magistério, no atual quadro da sociedade brasileira, o que se pode confirmar nas palavras de CARVALHO (s/d):

*"Entre os materiais didáticos, é este o elemento mais decisivo no ensino, no atual estado da escola brasileira..."*

Diante disso, o livro didático, instrumento auxiliar do professor, desempenha um papel preponderante no dia-a-dia do educador. Todavia, ele não pode ser visto isolado da ação pedagógica, mas deve ter correlação com os demais elementos do processo educativo.

Em consonância com a situação, deparamo-nos também com o fato de o livro ter adquirido ao longo dos anos um caráter mercadológico, transformando-se em produto da indústria cultural, ou seja, tem se tornado uma fonte de lucro para as editoras sendo reproduzidos anualmente sem renovação, objetivando manter o consumidor alheio ao processo de produção da sociedade de consumo, segundo nos afirma FREITAG et alii (1993) quando diz:

*"... os livros didáticos como produto de uma indústria cultural têm a função de ocupar espaços, preencher vazios, com a finalidade de impedir que os consumidores se dêem conta das contradições em que vivem..."*

Sendo assim, o livro didático perdeu sua autenticidade, por não ter mais o caráter educativo e sim de mercadoria. Como mercadoria apresenta algumas características:

1. Produção em grandes quantidades destinadas a grande massa;
2. Padronização: as diferenças entre o livro e outros são mínimas;
3. Perecibilidade: pouca durabilidade.

Como nos mostra FREITAG et alii (1993) antes de 64, os livros didáticos de autores como Aroldo de Azevedo, Joaquim Silva ou Carlos Laet que eram informativos e de excelente nível, comparando aos compêndios ilustrados mas pouco substanciais dos dias de hoje, foram totalmente abolido das escolas, em vez de serem atualizados, melhorados e complementados por

outros materiais de apoio. Seu espaço foi substituído pelos livros didáticos, via de regras de má qualidade e coloridos que hoje recebem as críticas de quase todos os cientistas especializados no assunto.

Deste modo, não há como esconder a baixa qualidade dos livros didáticos em uso. Alguns apresentam conceitos errados ou mal formulados ou incompletos, e que confundem o aluno e o desestimula a pegar no livro para estudar. Há também muitos livros mal redigidos que pecam ora pelo excesso de dados absolutamente supérfluo, ora pela síntese extrema que impede a capacitação e compreensão do assunto por parte do aluno.

Portanto, a melhor qualidade do livro didático viabiliza um ensino de melhor qualidade, o qual, por depender também da qualidade do livro escolar pode, conseqüentemente, ter nele um poderoso aliado ou um adversário respeitável.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira

Josefa Rosa F. Bezerra

Instituição: Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 12/07/95

Horário: 15:30 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

Objetivos: - Refletir sobre os conteúdos apresentados no livro didático.  
- Analisar os exercícios propostos no livro didático.  
- Identificar as vantagens e desvantagens da regionalização.

#### PAUTA

1. - Abertura;
2. - Técnica: Eu tenho valor;
3. - Exposição oral: o livro didático: o conteúdo em questão.
  - 3.1. - Análise dos exercícios do livro didático;
  - 3.2. - Análise textual.
  - 3.3. - Debate.
4. - Avaliação;
5. - Encerramento.

## O livro didático: o conteúdo em questão

No primeiro estudo realizado destacamos o fato de que poucos estudos haviam tratado da dimensão do livro didático, porém o problema se inverte no que diz respeito ao conteúdo. Praticamente todos os estudos realizados no Brasil sobre o livro didático tem como dimensão de análise o seu conteúdo.

De fato o que se questiona não é a sua existência, mas a forma como são trabalhados os conteúdos ministrados pelo professor com base livro didático.

Comumente, se diz que os livros apresentam conteúdos desvinculados da realidade, no entanto, eles têm uma realidade a cumprir, como enfatiza FARIA (1994):

*"O livro didático não é desligado da realidade, ele tem uma função a cumprir: reproduzir a ideologia dominante. A ideologia dominante também não é desligado da realidade, ela também tem um papel e o cumpre..."*

Nesse contexto, a escola como um dos aparelhos ideológicos, ao Estado, desempenha uma função de inculcação da ideologia dominante. Como diz ALTHUSSER: "... a escola ensina 'saberes práticos', mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante..."

Esse saberes práticos são transmitidos através dos conteúdos curriculares. Uma das formas que a escola encontra para desenvolver seus conteúdos é através do livro didático. Esse muitas vezes impede que as crianças sobretudo, os filhos dos trabalhadores adquiram, organizem e formulem sua própria ideologia.

De fato, a ideologia burguesa é veiculada no livro didático com o propósito de continuar o processo hegemônico de dominação e exploração sobre a classe proletariada. Isto se dá por intermédio dos conteúdos e ilustrações que referem-se a ambientes e vivência da criança burguesa, distanciando-se da realidade da criança carente que também se utiliza do livro didático.

Diante da questão supra citada, alguns pesquisadores dentre eles Belloni e Silva (1985), apontam como solução a regionalização desse material didático, defendendo o que só assim haveria condições de trabalhar de acordo com a realidade próxima do aluno.

Desse forma, a discussão em torno da regionalização toma longo alcance, pelo aspecto dúbio com que se apresentam, ao reduzir a oportunidade de alargar os conhecimentos e

reforçar a exclusão dos já excluídos da sociedade. Sem contar com a questão, particularmente dos nordestinos que são tratados diferentemente dos povos do sul do país, em todos os aspectos preponderantemente do ponto de vista intelectual/cultural.

Ademais, a regionalização no atual sistema educacional brasileiro e por consequência, da sociedade como todo tem um caráter de limitação do universo vocabular. Nos apoiamos em FREITAG, et alii (1993) para afirmar que:

*"A regionalização do livro didático no Brasil somente teria condições de produzir um livro de melhor qualidade se ocorresse uma reestruturação global do sistema educacional e uma elevação geral do nível de profissionalização de todos os agentes envolvidos". (p.33)*

Com efeito, essa reestruturação precisa ser efetivada. Entretanto, da forma como está estabelecida a classe oprimida nada teria a ganhar com a regionalização do livro didático porque seu conhecimento ficaria de forma restrita, limitada somente a seu meio, impedindo que haja uma preparação maior de cidadãos conscientes para a realidade na qual vivemos, o que pode ser constatado por FREITAG et alii (1993):

*"A limitação da criança à (...) sua comunidade a restringe a um universo muito limitado, sendo necessário, via escola, dar a essa criança a oportunidade de ter acesso a língua de cultura, com a qual se abrem seus horizontes para o mundo, além das fronteiras de sua comunidade ou favela". (p.34)*

Retratar somente as vivências da criança nua e crua, não iria contribuir em nada para superá-las, ao contrário iria sedimentar cada vez mais as desigualdades. Segundo, cabe ao professor a séria responsabilidade de trabalhar os conteúdos numa perspectiva que busque meios de evitar a consolidação do processo de marginalização e sua condição de classe.

Portanto, os conteúdos devem retratar a experiência local social da humanidade, transformando-se em instrumentos pelos quais os alunos assimilam, compreendem e enfrentam as exigências teóricas e práticas da vida social.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira  
Josefa Rosa F. Bezerra

Instituição: Escola Estadual de 1º Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 14/07/95

Horário: 15:00 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

Objetivos: - Refletir sobre o direito que o professor tem de escolher o livro didático;  
- Discutir o papel da escola como aparelho ideológico do estado;

#### PAUTA

- I - Abertura;
- II - Técnica
- III - Exposição oral: Contradição do Papel da Escola e do Direito do Professor de escolher o Livro Didático
- IV - Debate
- V - Avaliação;
- VI - Encerramento.

## A contradição do papel da escola e do direito do professor de escolher o livro didático

Trata-se de uma questão muito importante do trabalho docente. Devemos partir do princípio de que a escolha do livro didático, deve ser tarefa do professor. Entretanto, encontra-se aqui um grande paradoxo, pois na sua prática cotidiana o professor não encontra respaldo para efetuarlo eficazmente, segundo os requisitos necessários para se fazer um escolha criteriosa. Como nos assegura LAJOLA (1987):

*"O direito que tem o professor de escolher o livro com o qual vai trabalhar choca-se na prática, com a falta de condições concretas para exercer este direito..."*

Em face a essa situação contrastante é mister repensar as condições em que são escolhidos os livros didáticos para adoção nas escolas. Ela é feita sem reflexão, só com base no catálogo distribuído pelo MEC. A maioria dos professores não tem acesso ao exemplar e termina escolhendo pelo título ou por indicações de terceiros.

Diante disso, em debate público NOSELLA, sugere a suspensão da compra e distribuição gratuita do livro didático pelo Estado. Recomenda-se que os recursos liberados com essa suspensão fiquem à disposição do professor, para que ele compre o livro e o material que bem entenda, sem a tutela do Estado. Essa alternativa é simpática e talvez fosse até válida, se simultaneamente se pudesse também "suspender" o professor concreto que hoje atua nas escolas brasileiras substituindo por um modelo de mestre idealmente culto e lúcido.

Entretanto, como o nosso sistema educacional não dispõe de professores dotados de tais qualidades compete ao Estado doar os livros didáticos à população, contanto que a escolha seja feita pelo professor, exigindo do Estado: um tempo determinado para a escolha; ter o material em mãos; os livros a serem escolhidos sejam encaminhados ao professor pelo Estado; que seja garantida a seriedade e competência do governo na seleção dos livros à serem comprados.

Além disso, outro aspecto a considerar é a formação profissional. Essa é mais uma questão que leva o docente a adotar o livro com comodismo, por não ter uma preparação suficiente que o capacite a fazer uma escolha correta. Assim, é fundamental repensar os cursos de magistério, seja do 2º ou 3º graus, dando aos professores uma base teórica sólida para escolher seu livro, criticá-lo e interpretá-lo em sala de aula, como salienta SOARES (1994):

"Nosso problema crítico é a formação do professor. É preciso fazer uma reformulação dos cursos 2º graus, assim como do superior, inserindo conteúdos com que o professor vai ensinar (...). É preciso um grande investimento na formação dos professores, porque são eles quem escolhem os livros."

(Revista Nova Escolha, nº 79 / OUT. 1994)

Para tanto, isso implicaria uma reestruturação, dos cursos oferecidos nas universidades, por um lado, e uma reorganização do sistema escolar, por outro.

Todavia, a escola sendo mais um veículo de inculcação ideológica garante a estabilidade do sistema escolar contribuindo para que tanto os educadores como os educandos sejam passivos e conformistas, assegurando o maior controle no processo pela classe dominante, segundo afirma FÁRIA (1994):

"A educação na sociedade capitalista tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo papel é o de reproduzir a sociedade burguesa, através da sua ideologia..." (p. 08)

Com isso, a escola baseia-se num modelo autoritário, onde as crianças devem respeitar, obedecer e seguir ordens e padrões preestabelecidos, conseguindo dessa forma, "transformá-los em seres obedientes e provavelmente, cidadãos pouco criativos, conformados diante de toda e qualquer autoridade, pequenos robôs, que só agem seguindo ordens". (DEIRO, 1989, p. 75)

Desse modo, a escola reforça através do livro didático o processo de dominação sobre a classe trabalhadora, reproduzindo os interesses do capital, não desenvolvendo o senso crítico do aluno, segundo nos assegura FÁRIA (1994):

"... O livro sistematiza a ideologia burguesa, amortiza o conflito realidade x discurso, dizendo que o verdadeiro é segundo. (...) Assim, o livro didático contribui para a reprodução da classe operária..." (p. 77)

Dessa forma, a ação pedagógica desenvolvida na escola obriga os alunos a interiorizarem ensinamentos e princípios, de maneira contínua metódica, formando neles hábitos que

permanecem mesmo quando cessa a ação pedagógica. Tais ensinamentos e princípios, determinando esses hábitos geram práticas e atitudes que favorecem o modelo sócio-econômico-político defendido pela classe dominante. Um dos principais elementos responsável para formação desses hábitos são os textos didáticos.

Sendo assim, o professor deve fazer uso do direito que lhe é atribuído escolhendo livros que melhor se ajuste a sua clientela, pois é ele que tem pela frente determinados alunos, com suas características de origem social, vivendo num meio cultural determinado, com certas disposições e preparo para enfrentar o estudo. A escola por sua vez deve cumprir com sua tarefa na sociedade, democratizando os conhecimentos, garantindo um cultura de base para todas as crianças e jovens.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira  
Josefa Rosa F. Bezerra

Instituição: Escola Estadual de 1ª Grau Pedro Américo

Reunião com os professores do turno da tarde

Data: 21/07/95

Horário: 15:00 hs

Local: Sala de Reunião

Participantes: Diretora, professoras e estagiárias.

Objetivos: - Identificar as potencialidades e limitações  
do livro didático.

#### PAUTA

- I - Abertura;
- II - Técnica;
- III - Exposição oral: livro didático: um bem ou um mal?
- IV - Apresentação de filme;
- V - Debate.
- VI - Avaliação.
- VII - Encerramento.

## Livro didático: um bem ou mal?

Como pano de fundo do autoritarismo, como instrumento de uma ação assimétrica e vertical, o livro didático, com seus fatos impressos, se presta na maioria dos casos a repassador de verdades prontas, imóveis, inquestionáveis.

Diante disso, surgem algumas implicações a cerca do livro didático que nos instiga a analisar quais as suas potencialidades e limitações no cerne do processo ensino-aprendizagem na realidade objetiva das nossas escolas.

O livro didático constitui-se até certo ponto em vilão por viabilizar mensagens ideológicas e deformadoras. Parafraseando GASTELDIS, ao invés de levantar questões que levem o aluno a pensar, pode bitolar e impedir a troca, a discussão, o aprofundamento dos temas, o enriquecimento recíproco entre o individual e o coletivo. Esse uso do livro facilita a massificação acrítica da informação, a ausência do confronto, a visão unilateral das questões.

Por outro lado, o livro didático torna-se necessário por ser o único elo que algumas crianças tem com a escrita, em escolas onde não há acesso a nenhum outro material. Conforme salienta CARVALHO (s/d):

*"O livro didático é um mediador necessário por corporificar a forma escrita nas escolas da periferia e do interior, onde não tem nem sequer jornal e revista."*

Confirmando essa posição MOLINA (1988) destaca que o livro didático adquire especial importância quando se atenta para o fato de que ele pode ser muitas vezes, o único livro com o qual a criança tem contato.

Principalmente na aquisição da escrita, o texto impresso pode ser de grande utilidade, na medida em que mostra uma regularidade e uma nitidez que o mimeógrafo não substitui.

O livro é um carregador de patrimônio cultural e pode se prestar a um rico exercício de discussão e troca. O livro por pior que seja, é objeto de leitura, de consulta, de informação, e de ponto de vista.

O confronto do real e do que é apresentado no livro é essencial para a criança desenvolver o espírito crítico, aprender a ler nas entrelinhas, decifrar o que está por trás de frases aparentemente inocentes.

O livro didático, da primeira série a universidade, pode ser múltiplo ou multiplicado por outras presenças (revistas, jornais, textos, etc.) mesmo que o professor sinta a necessidade de adotar um livro para o roteiro.

Dai ser necessário uma reflexão mais profunda acerca desse material didático no sentido de analisar até que ponto ele se constitui um elemento de interferência positiva ou negativa no processo ensino-aprendizagem.

Elaborado por:

Keilane Maria de Oliveira  
Josefa Rosa F. Bezerra